

# A CONTAÇÃO DE NARRATIVAS MITICAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA

Data de aceite: 02/05/2023

### Iana Pirajá Monteiro

Discente UNEB. Licenciada em Letras.  
Contadora de histórias infantis

### Everton Nery Carneiro

Professor da Universidade do Estado da Bahia. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social. Coordenador do Curso de Pedagogia do Campus XV da UNEB. Líder do grupo de Pesquisa em estudos Africanos e Representações da África

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como temática investigativa a contação de narrativas míticas como ação educativa na construção de uma práxis ética no processo de formação humana das crianças, isto é, como organismo metodológico no processo de ensino-aprendizagem da formação individual e social da eticidade. O estudo investiga a possibilidade de uma práxis educacional que trabalha com uma axiologia, por meio da contação de narrações míticas inseridas no contexto de potencializar a construção pessoal e social das crianças. Uma práxis pedagógica pautada no diálogo e na construção conjunta dos valores éticos é uma práxis voltada

para a construção da autonomia do sujeito e para a construção de uma sociedade democrática. Assim, as narrativas literárias míticas se apresentam, nesta pesquisa, como um possível instrumento pedagógico que pode auxiliar o educador em sua práxis, voltado para as questões éticas, e o conjunto regras de conduta dos indivíduos e como esses valores e regras repercutem em sua vida e refletem em toda sociedade. A formação humana que permeia a práxis pedagógica precisa estar fundamentada em práticas para a autonomia e para a ação democrática. O intuito é perceber uma alternativa ou uma possibilidade de cunho pedagógico, não do ensino dos valores morais, mas da construção desses valores pelo sujeito via a contação de narrativas míticas. Surge então, o questionamento orientador desta pesquisa. Como as narrativas míticas podem ser usadas como instrumentos pedagógicos para contribuir no processo de formação humana da construção de uma eticidade? O referencial teórico desse estudo está em Carneiro (2018), na sua obra *Mitologia grega e bíblica: narrativas de transgressão*, na qual o autor trata sobre narrativas míticas. Essa discussão ocorre a luz de autores como: Machado (2002), Dhorme (2017), a partir

de uma abordagem qualitativa de estudo bibliográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem. Eticidade. Moral. Contação de história

**ABSTRACT:** This research has as its investigative theme the telling of mythical narratives as an educational action in the construction of an ethical praxis in the process of human formation of children, that is, as a methodological organism in the teaching-learning process of the individual and social formation of ethics. The project investigates the possibility of an educational praxis that works with an axiology, through the telling of mythical narratives inserted in the context of enhancing the personal and social construction of children. A pedagogical praxis based on dialogue and the joint construction of ethical values is a praxis aimed at building the subject's autonomy and building a democratic society. Thus, the mythical literary narratives are presented, in this research, as a possible pedagogical instrument that can help the teacher in his/her praxis, focused on ethical issues, and the set of rules of conduct of individuals and how these values and rules affect their lives. and reflect on the whole society. The human formation that permeates the pedagogical praxis needs to be based on practices for autonomy and democratic action. The aim is to perceive an alternative or a possibility of a pedagogical nature, not the teaching of moral values, but the construction of these values by the subject via the telling of mythical narratives. Then, the guiding question of this research project arises: How can mythical narratives be used as pedagogical instruments to contribute to the process of human formation of the construction of an ethics? The theoretical framework of this project is in Carneiro (2018), in his work "Greek and Biblical Mythology: Narratives of Transgression", where he deals with mythical narratives. This object of study will dialogue, in a qualitative approach of bibliographic study, with authors such as: Machado (2002), Dhorme (2017).

**KEYWORDS:** Learning; Ethics; Moral; Story Telling.

## INTRODUÇÃO

Criança é um ser humano em desenvolvimento, geralmente considerado como aquele que está na fase da infância, que começa com o nascimento e vai até a adolescência. O período da infância pode variar de acordo com a cultura e a definição utilizada, mas em geral é considerado como a fase da vida que vai dos primeiros anos de vida até a puberdade. Durante essa fase, as crianças passam por muitas mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais, e estão aprendendo a se adaptar ao mundo ao seu redor. É uma fase importante e crítica na vida de uma pessoa, que pode influenciar muito o seu futuro desenvolvimento e bem-estar. (Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D., 2013). Nessa esteira, Machado, (2002) em seu livro "Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo" faz uma reflexão de como todas as lembranças infantis ficam gravadas com nitidez e vivacidade na memória, seja porque talvez nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível, ou talvez porque sejam muito carregadas de emoção..

É nesse momento que o/a educador/a pode trazer como subterfúgio para entrelaçá-las através das contações de histórias e o seu uso metodológico para enraizar nas pequenas

experiências através dos contos míticos, promovendo sua capacidade de encontrar sentido na vida, em geral, significativos e de cunho em que promova cidadania desses pequenos seres para que as habilidades relacionadas a viver em uma comunidade cívica seja cheia de empatia e muito mais harmoniosa e gentil. Sendo assim, Machado (2002) afirma sobre o quão importante é a fase da infância para existência humana passada e repassada com boas narrativas:

[...] a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, a gente faz a festa é com boa história contada. Não com sutilezas estilísticas, jogos literários ou modelos castiços do uso da língua- que poderão, mais tarde, fazer as delícias de um leitor maduro.” (MACHADO, 2002, p. 13)

Ser contador de histórias é fazer ecoar as mais intensas e belas narrativas da construção dos valores humanos, e estar mesclando a fantasia e a arte com um propósito educacional capaz de gerar efeitos pessoais e sociais no prazer em contar, recontar e tricotar a essência, via existência do civismo e da ética nas relações humanas, trazendo a solidariedade, a lealdade, a coragem, a verdade, a cidadania, como uma atividade de aflorar não só a milenar arte de contar histórias, mas de maneira a fazer render o máximo das potencialidades a serviço da formação harmoniosa do cidadão do amanhã, já no hoje, comunicando valores estéticos e éticos, além de oferecer cultura e informação, com emoção através do despertar pela própria arte do amor, construindo laços de fraternidade e sororidade, na esperança das futuras gerações serem potencialmente seres humanos em sua plenitude.

Dhorme (2013), em seu *Guia de desenvolvimento para as técnicas de contação*, ressalta que o modo em saber usar a voz, a expressão, o ritmo e o gesto, precisam da técnica propriamente dita. Mas, pensar a relação entre a técnica e a arte pela própria arte é uma espécie de filosofia feita com martelo, ao tempo em que sugere inúmeras construções e ressignificações. Em Carneiro (2018), *Mitologia grega e bíblica: narrativas de transgressão*, este será certamente para compreender a formação na identidade e eticidade na construção de narrativas míticas para o alvorecer da transmissão de valores humanos. Para Eco (2004), as histórias são uma solução para a diferença de competência entre o destinatário, a criança, e o destinador, o autor ou o contador.

A atividade de contar histórias é uma arte que se revela como instrumento para o trabalho pedagógico de forma simbólica. O ser humano já usa essa forma de comunicação há muito tempo, e os contos não só transmitem a visão cultural da humanidade, mas também estabelecem relações entre o homem e a natureza e entre os homens. Porém, para além disso, ela estimula a fantasia, a imaginação, a existência do entretenimento como ato lúdico de interação entre quem conta e quem a ouve, por meio de elementos simbólicos. Para Baitello (2005), elas são uma forma de vínculo que acontece através da transferência de imagens mentais do imaginário do contador.

Para despertar na criança o gosto pela leitura, para além da história contada, a maneira como se transmite ao ouvinte essa arte milenar é a essência da interação entre a criança e as obras míticas, que trazem as riquezas dos aspectos formativos apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. Carneiro (2018), em seu livro *Mitologia Grega e Bíblica: Narrativas de transgressão* alerta sobre a etimologia da palavra símbolo, do grego “*symbállein*”, além de classificar esta palavra como

De início, símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto dividido em duas partes, cujo ajuste e confronto permitiam aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem. O símbolo é, pois, a expressão de um conceito de equivalência. Assim, para se atingir o mito, que se expressa por símbolos, é preciso fazer uma equivalência, uma “com-jugação”, uma “re-união”, por que se o signo é sempre menor do que o conceito que representa, o símbolo representa sempre mais do que seu significado evidente imediato [...] (CARNEIRO, 2018, p.53)

E é nesse momento que entende-se através das palavras de Carneiro (2018), o constrangimento da linguagem simbólica através das peripécias humanas, o valor de vivermos imersos no símbolo que inclusive é a chave da linguagem inteira da experiência religiosa através das narrativas míticas. A Bíblia é recheada de elementos simbólicos, tal como existe a transição da significação dos símbolos através das trajetórias gregas fazendo com que a linguagem não seja só divina, e sim que ela seja: a própria divindade. O verbo ao tornar-se carne, torna-se língua, numa comunidade em que se constrói vidas, e essas vidas peculiarmente se transformam nos símbolos da representação de uma ausência, essa que é pressuposta da arte dramática pelo encantamento, através da poesia, do lamento dos sonhos, da erudição, da verdade, da embriaguez e da profundidade, transcendendo aos indivíduos sua subjetividade da existência autônoma. Ao dizer “e o verbo se fez carne e acampou entre nós” (João 1,14). O Evangelho de João faz referência ao pedido outrora feito a Moisés, de que fosse construído um tabernáculo em forma de tenda, para que Deus habitasse em meio a seu povo ( Êxodo 25, 8-9).

Segundo Carneiro (2018), as obras literárias que transgridem as narrações míticas são aquelas que buscam manifestar a realidade de forma original e criativa, deixando espaços para que as crianças descubram o que está nas entrelinhas e também revelado na oralidade dos textos, por isso, que as intensificações dessa interação, através de procedimentos pedagógicos adequados, levarão as crianças a uma maior compreensão das questões da ética e de todos os processos envolvidos no que se refira a valores morais. Mas o que é ética, ou moral, e como colocá-las em histórias para os pequeninos? Qual é a questão central da ética? É só nos obrigar a ser bom? A ética vai além de definir o que é ser bom ou correto ou moralmente certo?

Nesse sentido, a tarefa de contar histórias torna a leitura mais responsável. Contar histórias para crianças exige um real relacionamento entre as emoções. É preciso “voltar a ser criança”. Para isso, um ingrediente importantíssimo é o bom-humor, a entonação das

leituras e o entretenimento das brincadeiras para envolver-se na cultura pluralizando o universo mítico e metafórico, com a construção dos conhecimentos universais dos valores. Para Flusser (2007, p.131) imaginário significa de maneira exata “a capacidade de resumir o mundo das circunstâncias em cenas”, ou seja, a cultura do contar de um povo revela os seus usos e costumes, ou seu falar inicial, discorrendo sobre o cotidiano da experiência de um desvio, o que percebe como real e como produto da imaginação, reafirmando assim a responsabilidade do contar.

Na primeira seção buscamos abordar a contação de história como uma arte. A segunda seção fazemos a discussão das narrativas míticas no âmbito da pedagogia da gratuidade e da esperança. A terceira seção é destinada a tratar sobre contar e encantar nos tempos pandêmicos. Já a quarta seção faz uma abordagem sobre a possibilidade transmissão de valores através das histórias. Por fim, buscamos nas considerações finais destacar sobre a importância da contação de histórias na vida de forma praxiológica, ou seja, sem divórcio entre o dito e o feito.

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA É ARTE!**

De acordo com Bussato (2013), a contação de histórias é considerada uma arte e é criada a partir da linguagem oral, sendo, portanto, um modo de comunicação entre os sujeitos envolvidos, cujo processo de manifestação aparece fundamentado numa variedade infinita de narrativas. No Brasil, supostamente, esta arte milenar teve sua origem construída por intermédio do resgate presente na dos povos originários, nas apresentações artísticas de grupos teatrais, cantadores de viola, trovadores, poetas e carpideiras, passadas de geração a geração.

Contar histórias é uma das mais antiga das artes. A autora Joana Cavalcanti (2002) considera o ato de contar histórias uma arte milenar. O povo se reunia ao redor do fogo pra se esquentar e alegrar em um lugar para narrar os acontecimentos. Era assim que um dos entretenimentos. As pessoas comentavam e recontavam repetidas histórias, para guardar suas tradições, e é nesse momento que acontece o mundo fantástico da linguagem oral, que é a mais remota figura de comunicação entre as pessoas. E ainda deve-se lembrar que, Jesus, em suas pregações, de forma narrativa alegórica, contava suas mensagens através das parábolas, isso significa que suas narrativas entrelaçadas em palavras iam do concreto ao simbólico e vice versa. Portanto, contar histórias é também uma forma de ensinar temas éticos e cidadania, proporcionando um mundo mágico-mítico que encanta, através do prazer pela arte, como citado por Carneiro (2018, p.19):

No que tange ao conceito de arte, trazemos Gadamer. Inicialmente abordamos neste autor a construção/ideia de verdade (aletheia)<sup>3</sup>, que para ele diz respeito ao ato de trazer algo da escuridão para luz. Com isso, Gadamer não quer dizer que a linguagem não assume um papel central no encontro com a verdade, mas que ela tanto revela quanto oculta e que,

nesse sentido, toda a verdade assim pra interpretação. Ela inclui tanto o que está sendo dito tanto quanto o que está pressuposto ou não dito: [...] “todo enunciado tem pressuposto que ele não enuncia. Somente quem pensa também esses pressupostos pode dimensionar realmente a verdade de um enunciado” (GADAMER,2002 p.67). Por essa razão, o entendimento não pode ser reduzido ao conhecimento científico, mas deve ser pensado como um encontro com a tradição que pressupõe nossa experiência pessoal de estar no mundo. Pensamos como Gadamer (2002), e a partir dele, que todo texto e todo enunciado é uma resposta para uma pergunta. Cabe ao intérprete compreender qual a pergunta a que o texto é uma resposta, já “que nem tudo na vida acaba dentro da linguagem lógica escrita ou do dito” (AZAMUR,2009, p.19).

Enfim, tudo que acontece ao nosso redor, desde a nossa primeira infância, fic registrado em nosso inconsciente. Isso significa que tudo aquilo que a criança vê, ouvi e senti no decorrer do seu desenvolvimento e amadurecimento se torna necessário para haver um clima sócio-moral através dos enunciados dos pressupostos não ditos, para que o compromisso afetivo com questões dos valores crie caráter moral com autonomia na humanidade. Bruno Bettelheim (2007), autor do clássico “*Psicanálise dos Contos de Fadas*”, discorre sobre a importância das histórias de fadas nas explicações de forma simples para questões que a criança não consegue entender, contribuindo com a sua estabilidade emocional.

Nessa perspectiva, Dhorme (2017), enfatiza também que a contação de história tem um duplo objetivo. O primeiro é mostrar como as histórias são importantíssimas no processo educacional; já o segundo é que as histórias precisam ser atrativas para que passem para as gerações uma mensagem positiva. Deste jeito, ela é constituída de três partes: a primeira trabalha a importância e utilidade educativa das histórias através da teoria; a segunda aborda como as histórias proporcionam mensagens educacionais voltadas principalmente para os valores éticos em que o texto se desenvolve no enredo dando ênfase a mensagem que se deseja transmitir e o valor do texto, além do conteúdo em si, que deve estar intrínseco a escolha das histórias contadas. E no último momento a narração deve ser interativa e extremamente criativa tendo que vir acompanhada de elementos necessários para uma apresentação que cativa a atenção do ouvinte. Dhorme (2017), fala do contar histórias como uma arte, não há dúvida, mas é a arte vestida da magia da fantasia para que se transforme a realidade.

Trabalhar com narrativas no âmbito educacional é trazer essa ferramenta com a tarefa de educar por vários motivos, além das crianças gostarem muito, traz empatia com os pequenos, trazendo variedade de temas praticamente com pouca exigência de aplicação de métodos, fazendo com que as crianças fiquem focadas e envolvidas nas vivências das personagens. O contato com os impulsos emocionais, as reações e os instintos comuns aos seres humanos e o reconhecimento dos vários efeitos causados por esses impulsos são exemplos de transformação para além da cidadania direcionada ao ser existente na

essência do homem transformando o “nós” como fonte do amor citado por Dhome (2018, p.16).

E contar histórias se sintetiza no doar-se as pessoas, através do seu tempo, o seu amor, seus recursos, sua alegria, suas histórias, sua voz. Entretanto, isso não significa dizer que o amor é igual a generosidade. Carneiro & Zeferino (2021), transpõe a generosidade como ação e o amor como sentimento. Amar o amor não significa saber amar mais; ser generoso significa viver o amor. E é a generosidade que falta na humanidade por causa do amor, e essa falta faz com que a generosidade ofereça o que não te pertence, mas o que você oferece por que alguém está em falta. A generosidade não é amante, não é escolhida, não possui vontades próprias. O amor sim! Ele é escolhido, possui vontades e desejos como virtudes. Por isso é necessário no contar, recontar e tricotar as histórias envolvidas na generosidade do amor.

## **NARRATIVAS MITICAS NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA DA GRATUIDADE E DA ESPERANÇA**

Na discussão sobre a proposta da pedagogia da gratuidade, proposta por Carneiro & Zeferino (2021) existe uma reflexão sobre pensar-se em uma cultura de humanização, construindo uma pedagogia através do cuidado e do amor ao próximo em sua diversidade, e quando pensamos em Nietzsche que identificou os deuses gregos Apolo e Dionísio, narrativas míticas, pensamos na complexidade e ingenuidade de ser homem, percebendo-se a importância das paixões humanas e da moralidade humana em relação a gratuidade, sendo assim, Carneiro & Zeferino (2021), afirmam

O que ocorre é a memorização de uma fala, sem a compreensão de seu significado, ou seja, a sonorização de uma voz, de um discurso que pode fazer com que a palavra perca a sua força transgressora. Entendemos que o lastro da “concepção bancária” objetiva a manutenção do oprimido, ou seja, do educando, sem alteração na sua posição, sem transformação, assim, continuando de base para o opressor. O pensar filosófico, ou qualquer que seja o componente curricular, que ambicione a transgressão, ou a construção de um pensar libertário não é estimulado ou colocado em pauta, mas sim, abandonado.

Não é só memorizar conhecimentos, é necessário compreender o significado da sonorização de cada voz que ecoa. Transgredir é transmutar o pensamento libertário por meio da beleza, dos sonhos e da harmonia, fazendo referencia a Apolo, segundo a filosofia de Nietzsche e também através da desarmonia, ausência de forma e embriaguez, contida em Dionísio. E é esse grito ecoado que Carneiro & Zeferino (2021), estrondam ao escrever sobre a pedagogia da esperança:

Em suma, a esperança enquanto elemento constituinte da pedagogia da graça faz com que o humano implicado na ética teológica, não seja um ser passivo, mas alguém convidado à ética da gratuidade relacional que se expressa também na luta e reivindicação por uma sociedade justa para todos. Trata-se

de uma existência engajada, aspecto que não lhe é opcional, ser humano é existir em co-humanidade, doutra feita não se é humano. Existir com o outro, em serviço alegre e gratuito, é uma das disposições mais básicas da ética teológica alicerçada na tradição cristã. O serviço é liberdade para, pensa-se num humano livre para servir.

## O CONTAR E ENCANTAR NOS TEMPOS PANDÊMICOS

A pandemia de Covid-19 convida excepcionalidade de tocar profundamente a humanidade. Não foram só crises sociais, políticas e econômicas dos últimos decênios que semearam medo no mundo, mas, também a pandemia. Medo e insegurança, perda e desespero encheram os corações, entretanto, a esperança em algo que precisa circular por dentro, para sentir vivacidade no meio da humanidade foi intensificada. Exatamente isso, esperança e a gratuidade foi o movimento filosófico que se apropriou do princípio cartesiano: “Penso logo existo” em *Vivo, logo espero*. A esperança fez com que a existência humana ganhasse resiliência com um simples desejo de viver atitudes diferentes. Carneiro; Pereira; Santana & Souza (2021), afirmam que

O contexto pandêmico nos possibilitou permear pelos mais diversos meios de comunicação e tecnologia. Quem não protagonizou este feito, certamente sentiu-se fora da “caixinha” ou, até mesmo, não possui condições materiais do labor para estar dentro da “caixinha”. Foi impossível recolher a escola das influências da tecnologia. Todos os atores ligados ao contexto educacional tiveram que se adaptar a este novo modelo. Escola, famílias, sociedade como um todo. E o professor e a professora tiveram que ampliar seus saberes e fazeres.

E assim, foi construída as teias epistemológicas para ecoar as vozes do amor, da graça e da esperança em sermos humanos. Visto que Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos desde cedo*, descreve:

Um leitor mais maduro pode se interessar por partes mais poéticas, como os Salmos, o Cântico dos Cânticos ou o Apocalipse. Ou por passagens mais filosóficas, ou por profecias. Tem tanta coisa boa desde ler na Bíblia [...] Mas, as crianças vão gostar mesmo. É das histórias. E nisso a Bíblia é imbatível, afinal foi com esse livro que se iniciou a grande tradição narrativa que permitiu construir toda uma civilização em cima de histórias (MACHADO, 2002, p. 35).

## TRANSMISSÃO DE VALORES ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS

Uma boa história, um bom contador, uma criança e a imaginação. Ouvir e contar histórias representa a cultura, valores e conhecimentos passados de geração pra geração; ela desperta emoções, interesses e expectativas. Elas podem ser contadas em diversos momentos, no seio familiar, antes de dormir ou na hora de acordar, na escola, sejam espaços formais ou não formais, e é nesse viés que essas histórias são úteis para difusão

de valores aos comportamentos humanos, pois, as crianças tem limites na construção de raciocinar no abstrato, pois elas carecem e precisam de vivências que só são trazidas com clareza pelas crianças no mundo da imaginação.

Os adultos, mesmo com muitas vivências pela idade, ainda apresentam dificuldade para acertar atitudes sobre comportamento social. Poucas experiências e com um mundo todo para descobrir. É necessário, portanto, que as crianças entendam a importância de conservar os valores de base independentemente da evolução do mundo, que apesar de estar em uma sociedade que prega competição na individualidade legalismo, para conseguir seus objetivos elas precisam também serem generosas, justas e solidárias para tornarem -se gente humanizadas. E é nesse momento que a história traz esse referencial, transformando o abstrato em concreto, Dhorme (2017).

As histórias trabalhadas com as crianças precisam de valores morais bem definido para que elas aprendam e entendam que os valores são fundamentais para a regência universal da conduta humana. E ao contador de história fica sempre a responsabilidade de escolher suas histórias contadas com perguntas chaves como: Quais são os valores que me importam para contar essa história? O que é importante pra mim como condutor? Quais são os tipos de valores que eu reconheço como importante nessa história? Quais são as que eu gostaria de poder ajudar construir dentro da criança os valores dessa história? Quais são as mais adequadas para idade de cada criança? Posso transmitir por meio de um processo leve e lúdico levando os recursos materiais e humanos?

E são essas perguntas, bem como, enfatizar o lúdico e explorar os recursos disponíveis fazem com que a criança esteja nas vivências das histórias contadas, trazendo a elas como ouvintes para o mundo em que ela está inserida, proporcionando trocas de experiências e promovendo comunhão, distração e o despertar da imaginação. Arte de contar histórias é reconhecer a importância de contar não só como na prática de investigação da imaginação

Ouvindo histórias, a criança vive o universo da leitura pela voz do orador, de modo que ela saboreia as palavras e senti o desejo de ler por si mesma, que é tão irresistível quanto a potencialidade de desencadear aprendizagem, seja como os primeiros passos para se construir o caminho da leitura para que a criança construa o seu próprio mundo dentro de si mesmo, ou através das dinâmicas coletivas na contação de histórias.

A contação de histórias, portanto, oportuniza a criança ao conhecimento de si mesma, que vive, do seu ambiente de vida, permitindo estabelecer ações importantes e necessárias entre o real e o ficcional e entre os diversos sujeitos envolvidos. Em As mais belas histórias de Rubem Alves (2003), traz no conto “A menina e o pássaro encantado”, quando ele assim diz: “Para que uma estória? Quem não compreende pensa que é para divertir. Mas não é isto. É que elas têm o poder de transfigurar o cotidiano (Rubem Alves, 2003)

Quando o sujeito se torna um contador de história, e, isso começa a partir do momento que esse começa a falar, ele conta sobre o que vê, ouvi e faz e também conta sobre sonhos próprios e coletivos. A contação de história é linda e memorável herança povos originários e tradição oral, que alinhava a mistura étnica de um povo com várias sapiências e costumes tradicional, mas, é a partir dessa herança cultural que se configuram os caminhos das veias brasileiras e das suas narrativas com tradições com aspectos subjetivos. E quem é contador de história, seja em qualquer lugar, sua contação será a habilidade de poder render empatia e arrebatador os ouvintes de histórias. O sujeito já nasce ouvinte ou contador. O sujeito é quem desenvolve suas narrativas a partir das narrativas dos outros, e é essa estabilidade que traz o foco em desenvolver e enraizar o mundo fantástico da imaginação para poder despertar as memórias alegres, vibrantes, e cheias de valorização do respeito a vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa foi realizada com intuito de tratar sobre a importância da contação de histórias na formação de valores morais e éticos através da pesquisa bibliográfica buscando perceber como o recurso dessa contação de histórias propicia benefícios, tanto quanto para os ouvintes, tanto quanto para os contadores. E diante do exposto, percebe-se que com esse estudo que contar história não é algo tão simples quanto parece ser, e que ela é muito importante para construção sócio-moral.

O objetivo do contar histórias com valores morais no desenvolvimento de pessoas autônomas, o sentido de compreender a construção das normas, regras e princípios de sua conduta está pautada nas relações interpessoais. A autonomia está intrínseca ao sujeito que participa da construção e discussão dos valores e normas morais, isso, pautado nos estudos referentes a contação de histórias acontece através das instruções de formação ética, e não apenas pela ação verbal, mais em todo um contexto de convivência como a imaginação e sua permeável construção das realidades intrínseca a vida em biocenose. Em decorrência dessa vivência, as crianças experimentam as vantagens da cooperação, igualdade, justiça com narrativas que contenham princípios morais de cidadania, da cooperação, do respeito mútuo e também através das experiências das narrativas que constrói as descobertas racionais e dialógicas de valores e princípios com animo baseado na integridade, detalhando assim a finalidade de ser capaz de identificar injustiças e estar comprometido com a construção mais justa para todos.

É necessário, portanto, que a moral e a reflexão da ética estejam presentes formalmente em todos os espaços que a humanidade convive, e questionar para essa formação é muito importante para que os valores se construam de forma praxiológica.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **As mais belas histórias de Rubem Alves**. Lisboa, Edições Asa, 2003 (Adaptação)

BAITELLO Jr., N. **A era da iconofragia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BETTELHEIM, B. **A Psicanalise dos contos de fada**. 12a ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

CARNEIRO, Everton Nery; ZEFERINO, Jefferson. **Refletindo sobre a proposta da pedagogia da gratuidade**. Diálogos e Perspectivas Interventivas, v.1, p.1-23, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/dialogos/article/view/10729/7513>> Acessado em 18 de abril de 2021 as 08: 00 horas

CARNEIRO, Everton Nery; ZEFERINO, Jefferson. **Uma pedagogia da esperança e da co-humanidade: Paulo Freire e Karl Barth em diálogo**. Caminhos, v.19, Especial: 100 Anos de Paulo Freire, p. 88 -106, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v19i4.9206>> Acessado em 15 de abril de 2021 as 21:00 horas

CARNEIRO. E.N. **Mitologia grega e bíblica: narrativas de transgressão**. Salvador: Eduneb, 2018

CAVALCANTI, Joana. **Contar histórias: uma arte milenar**. In: CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

DOHME, Vânia D' Angelo. **Comunicação & Encantamento: As histórias da fada como mídia entre a realidade do mundo adulto e a realidade fantástica da criança**. Tese de doutorado. PUC- SP: 2008

DOHME, Vânia D' Angelo. **Técnicas de contar histórias 1: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FLUSSER, V. **O mundo codificado - Por uma filosofia do design e da comunicação** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed. 2013.